

NARRARES

DA EXCEÇÃO

Estudos sobre a Infância
e a Juventude na Literatura
e na Cultura

Tânia Sarmiento-Pantoja

NARRARES

DA EXCEÇÃO

Estudos sobre a Infância
e a Juventude na Literatura
e na Cultura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sarmiento-Pantoja, Tânia

Narrares da exceção : estudos sobre a Infância e a Juventude na Literatura e na Cultura / Tânia Sarmiento-Pantoja.
– 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-73-8

1. Literatura – Estudo e ensino 2. Linguagem 3. Teoria literária I. Título.

21-68850

CDD-801.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Teoria literária : Estudo e ensino 801.07

capa e gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
Imagem da capa: *O palhaço* (2020), de Aisha Souza
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final da autora
bibliotecária: Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para Adailton,
E a todos os que partem cedo demais.*

Agradecimentos

A publicação deste livro não seria possível sem a contribuição institucional e pessoal de alguns agentes. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que através do Edital MCTI/CNPQ/Universal, em 2014, aprovou o fomento à investigação científica que me permitiu desenvolver a pesquisa nos três anos seguintes, realizar o Colóquio Infância e Exceção, em outubro de 2016, bem como outras publicações decorrentes: dossiês e textos avulsos, agradecimento estendido à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, pelo apoio logístico e fomento à publicação. Agradeço a Augusto Sarmiento-Pantoja, parceiro na vida e na pesquisa, sobretudo, a audição atenta e por estar sempre disposto a fazer da discussão acadêmica um fazer amoroso e amável. Agradeço a minha filha Aisha Souza, pela afetuosa interlocução com o trabalho na forma da mediação artística. E por fim, agradeço a Elcio Loureiro Cornelsen pelas interlocuções profícuas e preciosas, que em distintos espaços e situações orientaram o amadurecimento de vários aspectos desenvolvidos nos estudos.

SUMÁRIO

A ESCRITA DA CATÁSTROFE NA LITERATURA COM PROTAGONISMO DE CRIANÇAS E JOVENS	11
---	----

A VIDA MIRADA PELO AVESSEO	25
----------------------------------	----

<i>Da “sabedoria de manipular escorpiões”: a violência sistêmica nas figurações da juventude em Haroldo Maranhão e Milton Hatoum</i>	25
--	----

<i>Mancha vermelha sobre fundo doce: o sentimento niilista, de Nilo Zack</i>	42
--	----

<i>Jovens irmãos como tema literário: alegorias da alteridade e da responsabilidade em um conto de José Riço Direitinho</i>	54
---	----

A VIDA VIRADA DO AVESSO.....73

*O time como comunidade luminosa:
A turma da rua quinze e Aventura
no império do sol*73

*Futebol em campo minado: representações
da violência e da morte em “Cemitério
clandestino” e “Ademir”*85

*Narrativas distópicas com protagonismo
juvenil: memória e instinto de resistência
em The Maze Runner* 105

REFERÊNCIAS.....127

A ESCRITA DA CATÁSTROFE NA LITERATURA COM PROTAGONISMO DE CRIANÇAS E JOVENS

Esta coletânea contém um conjunto de estudos sobre as representações da infância e da juventude na literatura e em outras formas culturais. No conjunto há três textos inéditos, “Juventude e formação em Milton Hatoum e Haroldo Maranhão ou da sabedoria de manipular escorpiões”; “Mancha vermelha sobre fundo doce: o sentimento niilista de Nilo Zack” e “Jovens irmãos como tema literário: alegorias da alteridade e da responsabilidade em um conto de José Riço Direitinho”. Os textos “O time como comunidade luminosa: *A turma da rua quinze e Aventura no império do sol*”; “Futebol em campo minado: representações da violência e da morte em *Cemitério clandestino* e *Ademir*” e “Narrativas distópicas com protagonismo juvenil: memória e instinto de resistência em *The Maze Runner*” foram primeiramente publicados em periódicos científicos.¹

-
1. “O time como comunidade luminosa: *A turma da rua quinze e Aventura no império do sol*” e “Futebol em campo minado: representações da violência e da morte em *Cemitério clandestino* e *Ademir*” foram ambos publicados na revista *FuLiA*, respectivamente nos volumes 3 e 4. “Narrativas distópicas com pro-

São textos plenamente localizados no interior dos estudos sobre memória e sobre os narrares da resistência. O caminho escolhido contém mais uma idiossincrasia: estabelecer possíveis conexões com a ideia de exceção a partir dos motivos (e das motivações) da catástrofe, sendo a catástrofe um tópico presente em todas as análises. Nesse sentido, as figurações da infância e da juventude são movimentadas como tópicos e como estratégias artísticas, sendo, desse modo, vistas especialmente como um recurso.

Essas figurações concentram-se no protagonismo e na focalização da criança, do adolescente ou do jovem adulto² e tem estado no cerne de muitas narrativas derivantes da chamada “era da catástrofe” (Hobsbawm 1995), um período no interior do século XX, saturado de matanças e marcado pela presença do Estado como um dos principais sustentáculos da exclusão. Na crítica materialista a expressão vem sendo estendida para referir um conjunto de temas relacionados à violação decorrente de organizações sociais excludentes e de determinadas formas de governabilidade, no século XX e XXI.

Os narrares da resistência constituem-se, sobretudo, afinados com o dever de memória e (também por isso) comprometidos a descortinar a presença da exceção em interação com a vida precária e a vida na catástrofe. Catástrofe aqui pensada como lugar do choque, como afirmam Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva (2000, p. 8):

tagonismo juvenil: memória e instinto de resistência em *The Maze Runner*” foi publicado no volume 12 da revista *Margens*.

2. O termo jovem adulto (*young adult; YA*) surge no mercado editorial estadunidense na década de 90 do século XX. Em língua portuguesa corresponde ao período entre o fim da adolescência e o início da adultez (Sprinthall e Collins 2003).

A palavra “catástrofe” vem do grego e significa, literalmente, “virada para baixo” (*kata* + *strophê*). Outra tradução possível é o “desabamento”, ou “desastre”; ou mesmo o hebraico *Shoah*, especialmente apto no contexto. A catástrofe é, por definição, um evento que provoca um *trauma*, outra palavra grega que quer dizer “ferimento”. “Trauma” deriva de uma raiz indo-européia com dois sentidos: “friccionar, triturar, perfurar”; mas também “suplantar”, “passar através”. Nesta contradição – uma coisa que tritura, que perfura, mas que, ao mesmo tempo, é o que nos faz suplantá-la, já se revela, mais uma vez, o paradoxo da experiência catastrófica, que por isso mesmo não se deixa apanhar por formas mais simples de narrativa.

Catástrofe pensada ainda como “o que separa um estado de necessidade ou emergência de uma condição normal (...) o não-lugar da indeterminação entre anomia e direito” (Teles 2007, p. 103), caracterizada ainda pelo “caráter indecível do lugar da exceção, expresso pela indistinção entre a exceção e a norma” que “coloca-nos a questão sobre o momento em que a exceção se torna a própria norma” (Idem), tal como abordada por Walter Benjamin (1994, p. 226):

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo.

Tanto no campo político quanto no âmbito das práticas a catástrofe aprofunda os efeitos das condições de

exceção cuja organização se funda sobre o esmagamento do sujeito, como é o caso das ditaduras, dos conflitos armados, das ações do crime organizado. Basta lembrarmos que em regimes de governo autoritários e totalitários, independente de qual seja a bandeira ideológica o dissidente político, em função de suas ideias e ações, pode ser conduzido às mais diversas condições infames, especialmente se a repressão se faz acompanhar dos instrumentos do estado de exceção, uma vez que a história tem mostrado que em razão destes instrumentos se apresentarem “como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal” (Agamben 2002, p. 12), terminam por fazer vigorar um sistema jurídico pouco ou nada comprometido com os direitos humanos fundamentais. O “abandono do vivente ao direito”, expressão cunhada por Giorgio Agamben (Idem), não diz respeito apenas à dimensão jurídica; é uma condição enfronhada nas práticas repressivas que delimitam e garantem a sobrevivência do Estado. A citação a seguir é bastante esclarecedora dessa condição:

O Totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal! *que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareceram não integráveis ao sistema político.* Desde então, a criação ao voluntaria de um *estado de emergência permanente* (ainda que, eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos. (Agamben 2004, p. 13)

Esse estado de emergência permanente a que se refere Agamben arroga o autoritarismo estrutural entranhado na cultura e suas consequências no âmbito das

práticas sempre são terríveis para a vida. Mais além, a catástrofe também acompanha as configurações da violência sistêmica, em que a forma-de-vida atingida pela condição catastrófica pode dialogar com a *vida precária*, tal como proposta por Judith Butler (2018), para quem se uma vida se faz imersa na descartabilidade, o fim dessa vida não gera reconhecimento, compaixão e, sobretudo, luto por sua finitude. Portanto, a descartabilidade da vida – e dos meios que a tornam vida digna – é o que catapulta e modula a *vida precária*.

Assim, para além do conceito de estado de exceção – oriundo da teoria política e da filosofia – penso que é possível refletir sobre a exceção no âmbito das experiências artísticas e intelectuais. No campo da arquitetura, por exemplo, o *espaço de exceção*,³ ocupa “um tipo de assentamento dentro do âmbito do paradigma da formalidade”, mas ao mesmo tempo “é um tipo especial de formalidade” (Holanda 2018, p. 124) em que a separação ou a apartação são princípios flagrantes. No campo sociológico e etnográfico, o *espaço de exceção* é substancialmente fundado na apartação do espaço público formal. É também da arquitetura que vem a categoria *lugar de exceção*, um modulador discursivo-analítico que privilegia a descontinuidade possível de ser emanada do lugar do outro, estabelecido em um espaço (Villac 2017).

De maneira semelhante opera a categoria *tempo de exceção*. Em um ensaio sobre a comemoração Durval Muniz de Albuquerque Júnior vê o tempo de exceção que envolve as comemorações como “uma temporalidade fronteira, múltipla e indecisa entre a alegria e a tristeza, entre a vida e a morte, entre a lembrança e o esquecimen-

3. Conceito que não é apenas socioespacial, pois “não é definido apenas por referência à forma física: a esta se superpõem tipos particulares de encontros espaciais e de categorias sociais” (Holanda 2018, p. 124).

to, entre o ser e o não ser, entre a presença e a ausência” (2013, p. 387). Ao entrar no entrelugar o *tempo de exceção* funda uma temporalidade à parte, descontínua, mas sem renunciar às conexões com as temporalidades contínuas da vida ordinária.

Esses brevíssimos exemplos de recortes epistemológicos mostram como no horizonte das superestruturas hegemônicas e/ou reconhecíveis a exceção compõe-se na dimensão de tudo o que esquiva, resvala, escorrega, escapa a essas superestruturas. Ao envolver toda a forma de vida e suas conexões a exceção torna seu objeto fora-do-lugar, ao mesmo tempo em que o dispõe à apartação, à exclusão ou até mesmo à eliminação.

Nos estudos literários, ao analisar o conjunto dos personagens no teatro de Hilda Hilst, Alcir Pécora nos mostra como a exceção pode potencializar o trabalho crítico sobre a instituição autoritária. Na produção de Hilst, diz ele, “os mais jovens, os mais imaginosos e especialmente dotados” se caracterizam como *seres de exceção* (2008, p. 9). Pécora ainda os refere como “ser com asas”, em função do inconformismo que os assinala. Penso que os *seres de exceção* são ainda aqueles que em razão de forças violentas, sistêmicas, mas por vezes obscurecidas, são empurrados para uma vida fora-do-lugar, e mais que isso, uma *vida-na-exceção*, a exemplo dos marginais, dos apátridas, dos dissidentes, dos indesejados, dos inadequados, enfim, dos ex-cêntricos de todo tipo, assim, tocados pela *vida precária* a que se refere Butler.

Os narrares derivam do narrar. O termo que molda a categoria é etimologicamente movido pelo verbo na forma substantivada, sendo o narrar uma condição eminentemente humana, que envolve e exige a agência de um narrador e o imperativo comunicacional acomodado ao agenciamento. Portanto, os narrares se fazem circunscritos pelas experiências singulares, que estabelecem interlocuções com uma contraparte, e essa relação combina

condições imateriais com a materialidade das condições. Ao seguir essa trilha reservo aos *narrares da exceção* um lugar para potenciais inscrições da *vida-fora-do-lugar* dos *seres de exceção* e dos *seres-na-exceção*. Vidas cuja precarização pode mergulhá-las na experiência catastrófica radical a exemplo do muçulmano no testemunho de Primo Levi, uma das mais implacáveis constituições do ser no não-lugar. Ressalto que esse não-lugar é visto como substância biopolítica absoluta por Giorgio Agamben:

[...] o racismo vai, por assim dizer, além da raça e penetra em um umbral em que já não é possível estabelecer cesuras. Nesse momento, o vínculo flutuante entre povo e população se rompe definitivamente e assistimos ao surgimento de algo parecido com uma substância biopolítica absoluta, que não pode ser determinada e nem pode admitir cesuras. (2008, p. 90)

Agamben mostra como a condição extremófila do muçulmano explode qualquer possibilidade de se distender. E não só: efetivamente é uma condição esvaziada de qualquer laivo de resistência. Nesse sentido, o muçulmano é não apenas o *ser de exceção*, porque sua existência resulta das modulações do sujeito fora-do-lugar; é, sobretudo, o *ser-na-exceção*.

Para pensar esses tópicos nos materiais estudados organizo a análise com base nas seguintes questões: como a infância e a juventude estão representadas na literatura e na cultura e com quais representações se identificam? É possível pensar essas representações associadas a modelos, cujos elementos constituintes se tornam identificáveis? É possível considerar a escrita sobre a infância e a juventude a partir de um presente, pensando esse enlace como uma provocação especulativa sobre como repetimos as estruturas que compõem as formas de vida, mesmo as mais destrutivas?

Os narrares são ainda as mais antigas formas de atestar a existência. Nesse sentido, para refletir sobre essas suspeitas no âmbito dos *narrares da exceção* penso em alguns parâmetros, dentro os quais, a possibilidade de mobilizar a infância e a juventude como um megasignificante, aquele que para além das radiações temáticas, imiscui-se nas camadas estruturantes dos objetos. Faço essa mobilização inspirada nas ponderações que Bruno Blanckeman suscita a respeito do jogo de esconderijo ou esconde-esconde como motivo insistente da história da infância na modernidade, uma metáfora para a ligação entre a escrita e seu objeto, como faz Proust, segundo Blanckeman, em *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, e, Georges Perec em *W ou le souvenir d'enfance*, bem como a ideia de que as narrativas sobre a infância são norreadas por um paradigma, o da falha da consciência adulta acerca do enigma-criança (*enfant-énigme*) (Blanckeman 2003, p. 17), presente em cada um de nós.

Considero igualmente a importância do binómio *poder da memória/memória do poder*. A memória é sem dúvida um imperativo criador, organizador e ressignificador da experiência. Penso dessa forma porque a economia narrativa que relaciona infância, juventude e exceção é constituída com base no jogo entre o passado e o presente, portanto, entre distintas temporalidades e distintas realidades. Para organizar essa perspectiva crítica avalio ser necessário destacar sempre os elementos que comumente compõem a sua constelação temática: a jornada, a aprendizagem, a rememoração, a repetição. Por isso, o princípio da jornada, particularmente marcada pelos signos da jornada memorialística, é comumente um elemento estruturante fundamental nesses narrares. Neles, tanto o início quanto o fim podem ser também o recomeço, e, especialmente, um outro recomeço. Dessa forma a sobreposição entre o antes e o depois pode ser pensado como um paradigma ou pelo menos como elemento estruturante.

Outro aspecto que destaco é a perspectivização decorrente da partilha ou trabalho de escuta, como se diz no campo psicanalítico – de temporalidades, de memórias, de formas-de-vida – nesse processo. Destaco, sobretudo, o papel e a potência do olhar: o olhar é mediação, é filtro. Por isso Brecht nos ensina que devemos aprender a ver “em lugar de olhar bobamente”. Aqui, portanto, entendo o olhar como ponto de partida, como categoria analítica e, por ser fundamental para a compreensão do olhar para a experiência artística no que diz respeito às implicações entre processos imaginativos e história.

Também tomo o olhar como mediação para a resistência nesses narrares. Em *O olhar*, coletânea de textos organizado por Aduino Novaes, há um artigo de Alfredo Bosi (1989) sobre o olhar como fonte de conhecimento. Bosi nos fala nesse texto especificamente do olhar como trajeto e busca, aspecto, que segundo ele, remonta aos gregos e romanos a partir de duas possibilidades: o olhar receptivo e o olhar ativo. Para o ensaísta o olho corresponde à fronteira móvel no entrelugar entre o mundo externo e o olho – físico – do olhante, sujeito ao mesmo tempo dos estímulos luminosos apreendidos e da compreensibilidade que exerce sobre as imagens constituídas. Por isso, para Bosi, o olhar comporta um prisma de ações: distinguir, identificar, conhecer, reconhecer, refletir e especular. A partir dessa complexidade constitutiva o olhar se distingue em um “ver-por-ver”, não intencional, podendo ser entendido ora como olhar que se derama sobre as coisas como parte integrante da máquina fisiológica, ora por um “ver” como resultado de uma busca (Bosi 1989, p. 66), portanto, olhar em movimento, inquieto, buliçoso.

Contudo, quem olha o faz sempre de um lugar móvel, havendo, portanto, “variação no olhar”. Conforme Marilena Chauí (1989, pp. 35-37) isso envolve não só a verificação, aprendizagem e conhecimento como

também o pronunciamento de uma perspectiva, afinal, alguém se pronuncia através do que vê não apenas ao constituir aprendizagens sobre a matéria vista, mas também por conta de poder de transformar essa matéria com base nas suas idiossincrasias. No campo artístico essas condições sempre podem resultar em uma experiência com o inesperado – e por vezes silenciado ao longo da história. O pronunciamento de uma perspectiva evoca, no âmbito da economia narrativa, a importância do focalizador nos *narrates da exceção*: quem vê, como vê, o que vê. Nesse sentido, a categoria do narrador *arbiter*, oriundo da teoria do testemunho, pode ser uma interessante ferramenta crítica também para a teoria da narrativa, pois o narrador *arbiter*, na categorização proposta por Augusto Sarmiento-Pantoja (2019, p. 13), é aquele que faz um trabalho de ajuizamento, um *arbeiter*, em que através de movimentos de filtragem, avalia, seleciona, complementa, reorganiza informações estabelecendo uma versão para elas. Ou seja: além de ser uma modulação do narrador, pode ser também tomado como método para nortear o trabalho crítico sobre a escrita, uma vez que a marca do *arbiter* é o arbítrio, e, especialmente, os significantes que resultam da sua arbitragem.

Finalmente, parto ainda do princípio de que a elaboração artística potencializa essa organização, em grande parte, em função daquilo que chamo de “olhar míope” (Sarmiento-Pantoja 2012), mediador da perspectivização da criança e do jovem. A miopia ou “vista curta” configura-se como a inaptidão para enxergar com perícia: o mundo para o míope pode se revelar embaçado, misterioso, até mesmo indiscernível, por isso, é um estado que exige mediação protética, reiterativa das oclusões e aproximações entre aquele que vê e as realidades possíveis, observadas. Nesses termos, em oposição e como complementação ao prolongamento dos afetos e à dilatação dos saberes que caracterizam o “olhar maduro”, o

“olhar míope” se organiza aqui, sobretudo, como alegoria analítica, capaz de problematizar a realidade apreendida, bem como a partilha e reelaboração das experiências, principalmente as que precisam ser complementadas ou ressignificadas pela imaginação.

Em função dessas diretrizes o trabalho analítico aqui apresentado ora direciona-se para a vida mirada pelo avesso, ora para a vida virada do avesso. A perspectiva da vida mirada pelo avesso parte sempre da narrativa em camadas – e nisso se faz acompanhar das memórias e temporalidades subjacentes. Ao mirar pelo avesso a experiência com a catástrofe expõe-lhe os cozimentos, as amarras, as emendas e cesuras. É um olhar de fora, mas sem excluir-se da experiência catastrófica: um olhar à espreita ou pelas fendas, pelo avesso. Olhar que enfrenta o tabu e ao mesmo tempo desestabiliza a educação para a barbárie. Por isso, falo, por exemplo, de uma escrita escorpônica ao analisar as crônicas de Milton Hatoum e o conto de Haroldo Maranhão ou sobre a ética da responsabilidade, que norteia a vida angustiada do fratricida no conto “Abel e Caim”, de José Riço Direitinho. Por sua vez, a vida virada do avesso converge a mirada para a infância e a juventude do mesmo modo que costuma fazer a criança ao encontrar uma boneca puída, mutilada e abandonada a um canto: é uma mirada restituidora, que se movimenta na iminência do corpo ferido ou ameaçado. Corpo imerso na precariedade, ora por estar exposto à catástrofe; ora por estar sujeito a uma vida para a morte; ora por ser subtraído de uma existência confortável de forma violenta e até inesperada, como acontece nos materiais analisados na segunda seção desta coletânea de estudos. Independente de qual seja a representação evocada a narrativa realiza o enfrentamento da condição catastrófica. A demanda analítica, portanto, é por encontrar as figurações da resistência à barbárie inerente.